

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO II



COIMBRA / 1943

ACTIVIDADE DO INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Prof. Pierre David

Desde 1941 que está em Coimbra o professor francês Doutor Pierre David. E é tão ampla e tão valiosa a colaboração que constantemente tem dado aos trabalhos dêste Instituto, que, ao abrir esta secção, não podemos deixar de lhe prestar a nossa homenagem agradecida.

Medievalista de alta estirpe, que põe ao serviço da análise das fontes um profundo conhecimento do latim medieval e um método científico perfeitamente actualizado, e que tem atrás de si uma longa experiência consagrada por uma série notabilíssima de trabalhos, o Prof. Pierre David utiliza ainda como instrumentos de investigação e de crítica histórica, além do latim clássico e do grego, várias línguas semíticas de manejo tão pouco vulgar, como o hebreu, o copta etiópico e ainda o árabe.

Mas à sua vasta preparação científica junta o Sr. P.^e David — e por isso é um verdadeiro Mestre — uma perfeita disciplina mental e uma dedicação sem limites pela ciência a que se consagra com verdadeiro entusiasmo de sacerdote e de apóstolo que tem por missão propagar os tesouros do seu saber, e que nessa mesma propagação encontra a melhor recompensa das suas canseiras.

Tendo feito os seus estudos universitários em Grenoble e em Paris, onde se doutorou, especializou-se em história medieval e em literatura provençal e francesa da Idade-Média. Foram então seus mestres Paul Fournier, historiador das instituições medievais e do direito canónico, e Ulysse Chevalier, historiador e arqueólogo, autor do célebre *Répertoire des sources historiques du moyen âge*, com quem colaborou na publicação de alguns dos volumes da *Bibliothèque Liturgique*, da sua direcção.

Depois, em Roma, seguiu estudos de história eclesiástica desde 1905 até 1910, especializando-se em arqueologia religiosa

e em línguas orientais. E a partir de então, até 1914, ainda em Roma, continuou os estudos de história, latim e literatura medievais que iniciara em França, tendo realizado viagens científicas ao Egipto, à Alemanha e à Inglaterra. Foi seu mestre, durante todo êsse período de dez anos, Mons. Louis Duchesne, o célebre autor das *Origines du Culte Chrétien*, então director da Escola Francesa; e, especialmente para as línguas orientais, o Prof. Ignazio Guidi, da Universidade de Roma.

Ainda na mesma cidade, publicou vários textos coptas na *Revue Biblique* e na *Revue de l'Orient Chrétien*; e colaborou com Wl. de Grueneisen, Christian Huelsen e Yincenzo Federici na obra monumental *Santa-Maria Antica*, fazendo o seu estudo litúrgico e agiográfico (1911).

Terminada a guerra de 1914-1918, o Ministério dos Negócios Estrangeiros de França encarregou-o, em 1919, de investigações históricas na Polónia (*), pondo-o à disposição da Universidade de Cracovia, onde ensinou, até 1939, Língua copta, História antiga do Oriente e Língua e literatura francesa e provençal na Idade-Média.

A actividade científica que desenvolveu durante êsse longo período de vinte anos foi muito notável. E digna de menção a série de monografias sob o título geral de *Etudes historiques et littéraires sur la Pologne médiévale*, em que versa os seguintes temas:

- I. *La Pologne et l'évangélisation de la Poméranie aux xi^e et xu^e siècles* (1928) (?).
- II. *L'épithaphe de Boleslas Chrobry* (1928).
- III. *La date de l'auteur de la chronique de Grande Pologne* (1929).
- IV. *La prétendue chronique hongaro-polonaise* (1931).

(9 Dessa missão, de que também fazia parte o Prof. Jean Moreau-Reibel, resultou a fundação em Cracovia, em Março de 1937, de um Centro franco-polaco de investigações históricas. (Vide P. David: *Les bénédictins et l'ordre de Cluny dans la Pologne médiévale*, pág. xn).

(²) Referindo-se a este trabalho, o Prof. Fliche diz perflhar inteiramente as suas conclusões que considera perfeitamente convincentes (Vide *La réforme grégorienne et la reconquête chrétienne*, vol. vm da *Histoire de l'Église*, pág. 481, nota 2).

- V. *Casimir le Moine et Boleslas le Penitent (1932).*
- VI. *Boleslas le Pieux dans les légendes épiques polonaises et Scandinaves (ig32).*
- VII. *Histoire poétique de Boleslas Bouchetorse (1932).*
- VIII. *Le roman de Gautier le Tyniec (ig33).*
- IX. *Richilde de Pologne en Espagne, en Provence et en Languedoc (ig33).*

Além destes trabalhos, devemos mencionar ainda os seguintes, tambe'm relativos à história da Polónia:

Les sources de l'Histoire de Pologne à l'époque des Piasts (g63-i386), completado pelo Essai sur les légendes épiques de Pologne (1934).

*Galon de Paris et le Droit canonique en Pologne, memoria apresentada ao Congresso Internacional de Ciências Históricas, que se realizou em Varsóvia em 1935. **

Un Légendrier romain du temps d'Innocent iv et d'Urbain iv, publicado na Collectanea Theologica, vol. xvii (1936).

Un recueil de conférences monastiques irlandaises du vme siècle. Notes sur le manuscrit 4i de la Bibliothèque du Chapitre de Cracovie, publicado na Revue Bénédictine (1937).

Le Légat Gilles de Tusculum et l'organisation de l'Église de Pologne sous Calixte II (1937).

Les Bénédictins et l'Ordre de Cluny dans la Pologne médiévale (1939).

L'Architecture cistercienne en Pologne (1939).

La Pologne dans l'Obituaire de Saint-Gilles en Languedoc au xue siècle, memòria lida à Academia de Inscrições e Belas-Artes, em Novembro de 1939, e publicada na Revue des Etudes Slaves (t. xix).

L'Eglise de Pologne des origines à 1215, cuja impressão esta última guerra obrigou a suspender, mas de que saiu um resumo na History of Poland^ publicada pela Universidade de Cambridge.

Simultaneamente o Prof. Pierre David publicava:

Laval Saint-Etienne. La chapelle des Allemand et la Vierge au manteau (1923).

Les monastères de la province viennoise du vie au vme siècle (1924).

Les routes de l'art roman. Notes sur la sculpture chrétienne au xne siècle dans la vallée du Rhône (1924).

Amanee en Franche-Comté (1924).

E, numa série de estudos de história e de arqueologia do Delfinado, sua pátria, publicava ainda:

I. *L'archevêque Rostaing, un conflit entre Vienne et Romans au x^e siècle (1929).*

II. *Saint Fer jus, évêque de Grenoble au vu^e siècle (ig30).*

III. *Les monastères du diocèse de Grenoble à l'époque mérovingienne. Saint-Laurent de Grenoble et Notre-Dame de Vieille (1,30).*

IV. *L'oratoire mérovingien de Saint-Oyand (1931).*

V. *Autour de Saint-Laurent (1936).*

VI. *Vie de Saint-Oyand, suivie de notes sur l'abbaye de Saint-Oyand de Joux et ses relations avec les diocèses de Vienne et de Grenoble (ig36).*

VII. *L'église de Champagne. A'otes sur l'origine des Dauphins de Viennois et sur la frontière rhodanienne de l'Empire et du Royaume au xu^e siècle (1937).*

VIII. *Vie de Saint Aimé (565-Ô2Çj (1937).*

Além destes, são ainda dignos de menção os seguintes trabalhos :

Bohême, extenso artigo sobre a história deste país, publicado no grande *Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclésiastiques*, iniciado sob a direcção do Cardeal Baudrillart (t. ix, cols. 418 a 480).

L'Eglise et la Collégiale de Saint-André de Grenoble (1938).

L'Eglise de Saint-Laurent de Grenoble et Voratoire de Saint-Oyand (1938).

La Cathédrale de Grenoble du ix^e au xvi^e siècle (1939).

Impedido de voltar à Polónia em virtude da guerra que deflagrou em 1939, manteve-se em França até Março de 1941, escolhendo então Coimbra entre os lugares que lhe foram oferecidos pelo Ministério das Relações Exteriores para desempenhar missão semelhante à que exercera em Cracovia. E, uma vez aqui, a sua actividade intelectual tem prosseguido no mesmo ritmo.

Na nossa Universidade tem regido cursos de Língua e literatura provençal, Francês arcaico, Latim medieval e História das instituições eclesiásticas na Idade-Média, de cujo interêsse científico dão ideia os resumos arquivados em seguida

nesta mesma revista. E em menos de três anos publicava os seguintes trabalhos :

As fontes e a data do "poema provençal de Santa Fé (Boletim do Instituto de Estudos Franceses, t. i).

La Sé Velha de Coimbra et les dates de sa construction, i r 40-1180 (Bulletin des Études Portugaises, 1942), que ampliou consideravelmente em A Sé Velha de Coimbra, ainda no prelo.

La légende épique de Gautier. Etude sur le Waltharius et le Moniage Gautier (Biblos, vol. xviii).

Sentiers dans la forêt du Saint-Graal (Boletim do Instituto de Estudos Franceses, t. 11-111).

Além destes estudos, não podemos deixar de lembrar a valiosíssima colaboração que dá a este tomo da *Revista Portuguesa de História* e a que presta também ao tomo ui, já no prelo, em que se destaca, ao lado de um artigo sobre a *Regula Sancti Augustini. A propos d'une fausse charte de fondation du chapitre de Coimbra* e de uma curiosa nota sobre *Varna et Guimarães*, o originalíssimo estudo que intitulou *Annales Portugaleses Veteres*.

Na impossibilidade de analisar uma obra tão vasta e tão complexa, limitar-me-ei a fazer ligeiras considerações sobre alguns dos seus trabalhos mais representativos.

Merece especial menção o estudo sobre *Les sources de l'histoire de Pologne a l'époque des Piasts* (ç, 61-1386f que recebeu o prémio Saintour, conferido, de cinco em cinco anos, pela «Académie des Inscriptions et Belles Lettres», de França, a urna obra sobre historia medieval, e do qual disse o Prof. Fliche que tinha renovado completamente a historia da Polonia (3).

Trata-se, como o seu título mostra, de um trabalho de síntese com a indicação sistemática e a análise crítica das fontes da história da Polónia, que são classificadas de acordo com as suas relações de tempo e de dependência, sendo traçado o desenvolvimento da sua transmissão.

O Autor analisa, primeiro, os anais, as crónicas e as agiografias, e, depois, as fontes para a história dos bispados e das aba-

(3) *Ibidem*, pág. 479, nota 2,

dias (obituários, listas episcopais, inventários e cartulários), e os epitáfios, as inscrições e os poemas históricos.

E muito interessante e elucidativa a relação que estabelece entre os anais e as tábuas pascals (4); mas, a meu ver, o capítulo mais original e mais sugestivo é o relativo às crónicas, especialmente quando analisa as que atribui a *Gallus anonymus* e a Mestre Vicente.

O Autor da primeira destas crónicas, cuja leveza e liberdade de rima acentua (5), é, no entanto, um historiador. Mas é também um homem de partido, que não esconde nem as suas aversões nem as suas preferências, desculpando o seu heroi, o duque de Boleslas, quando não o pode louvar (6).

O Prof. David assinala a mudança de ambiente depois de divulgados os dois primeiros livros desta obra. Por isso, o cronista pretende justificar-se no prefácio do 3.º livro.

Vale a pena transcrever aqui as suas observações, que o Prof. David considera talvez «a mais curiosa justificação dum homem de letras que a Idade-Média nos legou».

Diz o historiador anónimo que, «estrangeiro e viandante (*exul et peregrinus*) não escreveu para exaltar a família ou a pátria, mas unicamente para levar algum fruto do seu trabalho ao lugar da sua profissão, para não perder o hábito de compor (*dictare*), e para não comer em vão o pão da Polónia. Se teve a presunção de empreender semelhante obra, abordando tão grave matéria, desculpa-o a admiração que lhe inspiram as proezas e a magnanimidade de Boleslas: que não se veja o vaso, mas o vinho. Se se acha o estilo excessivamente pobre, que se aproveite ao menos a ocasião para fazer melhor. Se se pensa que os príncipes polacos não carecem de fastos, então é porque se coloca a Polónia entre

(4) Assim, considera como a fonte dos Anais do Cabido de Cracovia uma antiga tábua pascal de Fulda, levada a Reichenau antes de 840 e enriquecida de notícias alamânicas, que, além disso, contém notícias de Mogúncia até 970, continuando ainda a enriquecer-se de notas em Reichenau, durante meio século (pág. 5) Vide também, adiante, pág. 10.

(5) O Prof. David refere-se também às cadências clássicas do *cursus planus, tardus e velox* e ainda ao trispondaico (pág. 38).

(6) Não obstante, diz P. D., «para o período de 1040 a 1113, sobretudo em relação, ao reinado de Boleslas III, esta obra é uma fonte histórica de grande valor» (pág. 40).

as nações bárbaras e incultas. E se se julga que o autor, pela mediocridade da sua pessoa e da sua vida não é digno do assunto que versa, deve, enfim, considerar-se que não é um evangelho que escreve, mas os feitos dos príncipes. Os poetas, e os historiadores não são desprezíveis: sem eles Roma, a Gália e Troia seriam esquecidas. As vidas dos santos têm o seu lugar na igreja; os feitos dos príncipes nas escolas e nos palácios. O amor da glória que o poeta exalta, é um grande bem para a pátria. Portanto, se tudo isto é verdadeiro, e se, no entanto, contou sem recompensa (*in vacuum*) as proezas dos príncipes da Polónia, só se pode concluir daí que esta obra carece da aprovação do clero, e precisa também de ser traduzida. Seria, em todo o caso injusto que a malevolência ou a severidade pudesse privar o artista do fruto do seu trabalho» (7).

«Esta carta dedicatória — observa o Prof. David — revela-nos claramente a personagem que a escreveu: não é um dignitário nem um favorito; é um letrado que vive da sua pena; como todos os seus confrades, os clérigos errantes, não se envergonha de pedir o seu salário; tem o nobre orgulho da sua profissão; sabe quanto o poeta pode contribuir para a gloria dos príncipes e o bem do país; sabe que os reis da História e da Epopeia devem a sua imortalidade aos escritores. Qualquer que seja a indignidade da sua pessoa e da sua vida, êle sabe que a sua obra é perdurável, e por isso não é nem inútil nem desprezível» (8).

E a análise da obra leva o Prof. David a concluir que se trata de um clérigo, pois mostra conhecer a Bíblia, os autores eclesiásticos e até os textos litúrgicos; ser um letrado que conhece Salústio e sabe gramática, lógica e aritmética; que versifica, escrevendo em prosa rimada e ritmada a mais leve e a mais variada (9).

P. D. chega finalmente à conclusão de que é francês o autor da crónica, e um dos argumentos de que se serve para o provar

(7) Seguimos o resumo que deste discurso, publicado na *Patrologia latina*, de Migne (t. 160), cols. 909 a 911, nos dá P. David, *obra cit* págs. 41 e 42.

(8) Pág. 42.

(9) É a análise do estilo do autor que leva o Prof. David a descobrir as interpolações. Vide, a pág. 105, a interessantíssima crítica que faz de uma frase interpolada.

é o ritmo da sua prosa. Realmente, observa, seguindo Maleczynski: «o *cursus* rítmico empregado pela crónica polaca não é o das escolas italianas: liga-se ao *cursus hilarianus*, mais rico de cadências, que é o das escolas de Poitiers e de Orléans» (10).

Segue-se a análise da crónica de Mestre Vicente, que «tanto contribuiu para criar a maravilhosa corrente de opinião que se desenvolve no decorrer do séc. XIII, sobretudo entre o clero, e que, contribuindo para a formação dum estado de espírito contrário ao retalhamento da Polónia em pequenos ducados hostis entre si, prepara, assim, o restabelecimento da monarquia e a reconstituição da Polónia» (41).

O Sr. P.^e David observa que «o rigor do método crítico exige que nos limitemos a fixar em dois quadros separados, dum lado o que se sabe de Mestre Vicente, bispo de Cracovia, do outro o que a própria crónica nos informa do seu autor» (12). Mas, apesar de dizer que «os indícios que a crónica fornece sobre o seu autor não deixam de concordar com o que se sabe da vida do bispo Vicente», não chega, depois de um estudo muito rigoroso, a nenhuma conclusão definitiva.

Êste género de literatura — crítica das fontes — apenas foi iniciado entre nós de forma sistemática. Devemos o primeiro ensaio ao mesmo historiador (13), e esperamos que o seu âmbito seja brevemente alargado de modo a abranger todas as nossas fontes históricas medievais. Será uma nova benemerência a juntar às muitas que a nossa cultura já deve ao Prof. Pierre David.

A um outro trabalho seu relativo à Polónia me quero ainda referir especialmente : *Les bénédictins et l'ordre de Cluny dans la Pologne médiévale*. Nele versa um dos aspectos da

(10) Págs. 44 e 45. Êste aspecto da crítica dos textos, quasi inteiramente desconhecido entre nós, já foi aplicado pelo Sr. P.^e David a alguns dos nossos diplomas. (Vide, por ex., a nota crítica sobre o *cursus* na doação de Leiria ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, nesta revista, págs. 306 e segs.).

(11) Pág. 5g.

(12) Pág. 66.

(13) Refiro-me ao artigo *Annales Portugalenses Veteres*, a publicar no tómo m desta revista.

evangelização polaca que, através da Alemanha, estende a mão ao mundo latino e acolhe os seus missionários e a sua civilização (14).

A importância do papel desempenhado pela abadia de Cluny é assim enaltecida:

«Os abades de Cluny e os reformadores lorenos não se propõem, talvez, expressamente, realizar a reforma da Igreja e da sociedade; mas criam condições propícias a essa reforma, constituindo um escol espiritual; os seus monges, dispostos à renúncia de si mesmos e devotados às coisas de Deus, serão, por isso mesmo, os melhores servidores do espírito — o sal da terra; e as novas cristandades não serão as últimas a colher os seus benefícios» (15).

De facto, missionários lorenos e burguinhões estão em actividade na Polónia, desde a primeira evangelização: o seu primeiro abade, que foi o primeiro arcebispo da Hungria, é, muito provavelmente, um burguinhão. «Os monges que serão os artífices da segunda evangelização com Casimiro o Renovador, e que são a origem das abadias beneditinas da Polónia medieval — continua o Prof. Pierre David — são filhos dos reformadores lorenos; veem das abadias de observância clunisiana estabelecidas à volta de Colónia; e veem também de Liège e de Metz» (16).

E da colaboração que ao desenvolvimento das influências latinas na Polónia deram estes monges «missionários do tempo de Mesco, colaboradores de Santo Adalberto e herdeiros do seu espírito, e, depois, restauradores da Igreja polaca com Casimiro o Renovador», que se ocupa o Autor, procurando «identificar as colmeias donde partiram, marcar as fases da sua nova instalação e o auxílio de que beneficiaram, e descrever as linhas gerais da sua organização» (17).

Basta percorrer atentamente a bibliografia, passar em revista

(H) Se não se pode negar que os príncipes polacos sentiam o perigo da infiltração alemã, «a razão profunda deste afluxo de correntes ocidentais — observa P. David — não é de ordem política». Deve-se apenas à circunstância de, nessa época, a Germânia ser ainda um país que recebe, mais do que exporta, correntes espirituais (pág. ix).

(15) Pág. x.

(16) *Ibid.*

(17) Pág. xi.

as fontes citadas, para nos convenceremos da importância e da solidez do trabalho realizado. O Prof. Pierre David começa por estudar a primeira missão beneditina (666-1035) de que o bispo Jordão é certamente o primeiro chefe, detendo-se a apreciar a figura de Aschericus ou Anastásio, depois arcebispo da Hungria, que julga ser burguinhão (18).

A morte, em 1034, de Mesco Lambert, que continuara a política de seu pai, o rei Boleslas Chrobry, visando a criação de um grande reino eslavo até para lá do Oder, deu início a uma revolta, acompanhada de uma reacção contra os monges, que destruiu a obra da primeira evangelização (19). A restauração da Igreja polaca só seria realizada dez anos depois, com Casimiro o Renovador, por uma nova missão beneditina da congregação cluniense, de que foi primeiro chefe o bispo Aarão, vindo de Colónia (20). Sucedeu-lhe, depois de uma vacatura de dois anos, em 1061, Sula Lambert. Talvez se tratasse já então da passagem da mitra para o clero secular, mas é também provável que os beneditinos só tivessem sido afastados da catedral quando Gregorio viu solicitar de Boleslas, o Ousado, a reorganização da hierarquia episcopal na Polónia, por volta de 1075 — facto este que se relaciona com a constituição do cabido de Cracovia (21).

No capítulo seguinte, o Prof. Pierre David passa a estudar monograficamente as diversas abadias beneditinas que se fundaram na Polónia nos séculos xi e xn e, depois, a sua organização hierárquica até ao século xv.

Um conflito com os premonstratenses (cónegos regulares de Santo Agostinho, reformados) mostra-nos que as abadias beneditinas constituíam, no princípio do século xm, um corpo que agia solidariamente sob a direcção do abade de Tyniec.

Finalmente, o Autor estuda o problema da relação existente entre as abadias polacas e a congregação de Cluny, que prova remontar ao fim do século xn, indagando depois o carácter e a

(is) Pág. 9»

(19) Págs. 17 e 18.

(20) Págs. 27 e 3i.

(21) Pág. 33.

origem dessa relação ⁽²²⁾, que não consiste apenas numa conformidade de observância, mas numa verdadeira tutela ⁽²³⁾.

Passaremos agora a referir-nos a outro trabalho seu : *La Cathédrale de Grenoble du ix^e au xvi^e siècle*, publicado nêsse mesmo ano.

Trata-se de uma igreja que não tinha despertado nunca grande curiosidade aos arqueólogos. Mas o Prof. Pierre David, em fórmula comovente pela delicadeza de sentimentos que traduz, assinala-lhe o interesse: «E preciso ter crescido à sua sombra, ter vivido nela horas graves e sagradas, ser sensível às tradições da pátria pequenina, para se deixar apoderar pelo seu prestígio avoengo» ⁽²⁴⁾. E, no entanto, quando se é capaz de a interrogar, a catedral de Grenoble — observa — é um testemunho eloqüente do passado, onde ainda se podem apreciar instituições muito antigas. E nisto reside — conclui o Prof. David — o maior interêsse deste ensaio ⁽²⁵⁾. O seu principal objectivo «foi integrar o monumento na sua tradição histórica, limpando o terreno das ideias infundadas que, por um lado, a tradição lendária e, por outro, o dogma de escola lançaram, em sentido oposto, como um véu, sobre a história da sua catedral» ⁽²⁶⁾.

A indagação dessas antigas instituições leva o Autor a expor, em síntese luminosa, os problemas relacionados com os lugares do culto e as respectivas invocações na alta Idade-Média, definindo os seus diferentes tipos (igrejas, basílicas e oratórios) e analisando a adopção dos oragos relacionada com o culto dos santos. A seguir, estuda as origens da catedral e dos oratórios anexos; e, depois de criticar as diferentes teorias arqueológicas, faz a história das suas construções.

Foi animado do mesmo espírito que, alguns anos depois, o Prof. Pierre David estudou a nossa antiga catedral no notável artigo que intitulou *La Sé Velha de Coimbra et les dates de sa construction (1140-1180)*.

⁽²²⁾ Vide págs. 91, 100 a 104.

^(**) Pág. XI*

⁽²⁴⁾ *Avant-propos*, pág. 9.

⁽²⁵⁾ *Ibid.*

⁽²⁶⁾ *Ibidy* pág. 10.

A leitura do célebre cartulário da Sé — o *Livro Preto* — e do seu riquíssimo martirologio-obituário — o chamado *Livro das Kalendas* — fez-lhe ver a necessidade de revisão de certas teorias tradicionais, que intentou com verdadeiro espírito crítico, chegando à conclusão de que a antiga catedral de Coimbra não foi destruída pelos muçulmanos, que não chegaram a entrar na cidade em 1117 ; de que a construção da nova catedral do século xii, para que muito contribuiu o bispo Miguel Salomão, é, no entanto, da iniciativa de D. Afonso Henriques; de que a data da sua consagração não pode ser exactamente fixada, pois a idade atribuída a D. Sancho I na inscrição do altar monolítico encontrado junto da igreja dos Olivais não se lhe refere, visto não haver provas suficientes para considerar da Sé este altar — que tudo leva a crer, pelo contrário, ter pertencido ao primitivo oratório de Santo Antão.

Mas este estudo, extremamente sugestivo, prejudica-se muito com a sua feição, excessivamente esquemática. Vê-se que o Autor quis apenas apontar certas conclusões a que a análise dos textos o fez chegar. Por isso louvamos a decisão que tomou de o desenvolver e refundir.

O poema provençal *Chanson de sainte Foi* — que o Dr. Leite de Vasconcelos descobriu em Leyde e deu a conhecer em 1901 — serviu ao Prof. Pierre David de tema para a sua primeira lição do curso de Literatura provençal, que então começou a reger nesta Faculdade. O seu objectivo foi fixar os limites entre os quais é possível situar o poema, servindo-se de métodos de ordem linguística, paleográfica e histórica, e procurando averiguar a data das fontes da *Chanson* e dos acontecimentos a que alude.

A conclusão a que chega é de que devia ter sido escrito nos primeiros anos do século xi, sendo seu Autor um jogral profissional, clérigo e letrado, que, possivelmente, «como tantos poetas da Idade-Média, tanto de língua latina como de língua românica, abandonou a carreira eclesiástica ou monástica pela vida errante» (27).

Depois, já em 1943, o Prof. Pierre David, além dum artigo

(27) Págs. 20 e 21 da separata.

sobre *Waltarius* e o *Moniage Gautier*, que contam a lenda de Gautier, do ciclo das lendas épicas criadas à volta das suas recordações nacionais por grupos germânicos instalados na «România», escreve o notabilíssimo estudo sobre os *Sentiers dans la forêt du Saint Graal*, que começa por lapidar conceito sobre a elaboração do trabalho literário.

«Nas épocas de civilização tradicional — por exemplo, a Grécia homérica ou a França do século XII — uma parte considerável da obra literária — observa o Prof. Pierre David — faz-se de colaboração entre o poeta e o meio social. Nenhuma obra em prosa ou em verso — continua — é o produto pessoal duma obscura força colectiva, nem o amontoado feito por compiladores irresponsáveis, de contos ou canções. Mas, por trás das obras individuais, inspirando-as e sustentando-as, há a vida, o sentir e o pensamento do grupo humano. O público espera que o poeta lhe dê a expressão dos seus gostos, das suas preferências, das suas esperanças, das suas ideias; espera o que já conhece e ama: situações, emoções, personagens, auditório tanto menos o aborrecerão quanto mais familiares lhe sejam. Por isso, a verdadeira arte consiste em os apresentar sob um aspecto imprevisto e comovente — mas sem os alterar» (28).

Mas nós não pretendemos analisar êste estudo; por isso nos limitamos apenas a assinalar a sua importância.

Ao chegar ao fim destas rápidas notas, não podemos deixar de exprimir o voto de que a tão fecunda actividade científica do Prof. Pierre David, a esplêndida colaboração que, com tanta assiduidade, nos tem dado, possa continuar por longos anos (29). E que nela depositamos algumas das nossas mais vivas esperanças de renovação dos estudos históricos portugueses.

TORQUATO DE SOUSA SOARES

(28) Pág. 5 da separata.

(29) Essa colaboração tem por vezes facetas tão requintadamente carinhosas, que não podemos recordá-la sem que um fundo sentimento de gratidão nos domine. A biblioteca deste Instituto deve-lhe algumas das suas mais valiosas espécies. E apar da dedicação que tem posto no ensino e na orientação dos novos, não posso deixar de consignar aqui, como nota pessoal, a amabilidade com que sempre me atende e esclarece, pondo, sem reservas, à minha disposição a sua longa experiência e o seu profundo saber.